

B I M I F F

G A Z I N E

Ano. 1 Edição 2

Foto de Soraia Costa



GILDAS



E D I Ç Ã O D E M A I O
2 0 2 2

A CAMINHADA CONTINUA...

Lançar uma revista eletrônica dentro de uma plataforma de um festival de cinema on-line foi mais uma ousadia, desafio e inovação para a equipe do BIMIFF. Assim como a própria criação do festival, trouxe expectativa, ansiedade, incertezas e aumento da carga de trabalho. Mas falar de cinema sempre foi um prazer que vai além do cansaço físico de tarefas diárias, e exercer a escrita cinematográfica acaba trazendo para quem o faz uma realização de expor sentimentos, anotações e análises de tudo aquilo que assistimos. É o registro da emoção frente à tela.

A recepção da BIMIFF MAGAZINE Ano 1 Ed. 1 foi acima das expectativas, o que nos deu força e fôlego para chegarmos a esta edição. Se na primeira edição o nosso foco foi "Mulheres no Cinema", nesta trazemos uma matéria sobre Gilda Nomacce, que intitula nossa publicação com sua pluralidade, onde refletimos sua rica carreira, suas personagens e obras marcantes, dando vida a mulheres (que são também partes dela) que refletem narrativas artísticas e sociais que são inerentes à história do Cinema Brasileiro. São espelhos projetados nas telas que nos fazem ponderar sobre os paradigmas de como se constrói o olhar na concepção e desenvolvimento de personagens, na arte de atuar, na gênese e elaboração de histórias, conceitos, ideias, recortes e principalmente: reflexões; nas quais o cinema independente tem um papel importante no pensamento e imaginário contemporâneos, nacional e mundial.

O nosso festival tem sido um portal de exposição de filmes do mundo inteiro, no qual colocamos todo mês filmes de várias línguas e várias culturas para apreciação do público geral. E esta revista tem a missão de fazer refletir, o desejo de transformação de um mundo que clama por mudanças. Que as nossas telas possam representar o que de mais instigante tem a arte cinematográfica; que não é só entretenimento, mas também o poder e a capacidade de pensar e transformar.

Marcelo Cesar

Marcelo Cesar
Film Critic of BIMIFF Magazine



FESTIVAL DIRECTOR & DESIGNER

Lucas Marques

[instagram.com/lucasdecmarques](https://www.instagram.com/lucasdecmarques)



FESTIVAL MANAGER & COMMUNICATION

Victor Henrique "Vic Kings" Carvalho Reis

[instagram.com/vic.kings](https://www.instagram.com/vic.kings)



FESTIVAL ADMINISTRATOR

Marcelo César Silva

[instagram.com/marcelocesars](https://www.instagram.com/marcelocesars)



DEPARTAMENTO EDITORIAL

Editores-Chefe: Lucas Marques and Vic Kings

Editor de Arte e Design: Lucas Marques

Colunistas: Lucas Marques, Marcelo César and Vic Kings

Contribuidor: Richard Caeiro

Editor Digital: Lucas Marques

Gerente de Mídias Sociais: Vic Kings

Tradutor: Vic Kings

PARCEIROS DO BIMIFF

Amazônia Cinema Awards

Cult Movies International Film Festival

GIMFA - Gralha International Monthly Film Awards

Latin America Film Awards

MAZ - Associação Artística

MODOK Institute of Arts

South America Awards

The Cyprus Horror Society

FilmFreeway



Foto de capa: Soraia Costa

Você pode entrar em contato com BIMIFF em:

bimiff.com

filmfreeway.com/BIMIFF

[instagram.com/bimiff_](https://www.instagram.com/bimiff_)

contact.bimiff@gmail.com

L

PROJECT

STENZON



A ALQUIMIA VISCERAL DA SORORIDADE UMA ENTREVISTA EXCLUSIVA COM A CINEASTA NINA MCNEELY	04
NO HARD SHELLS CRACK? PRESS RELEASE	09
GILDA BRASILEIRO CRÍTICA	12
A JORNADA PARA CONTAR HISTÓRIAS E SUAS RESPECTIVAS LUTAS UMA ENTREVISTA EXCLUSIVA COM O CINEASTA BILAL HUSSAIN	16
WITNESS PRESS RELEASE	21
TO A GOD UNKNOWN CRÍTICA	23
AS MELODIAS E POESIA DO NORTE UMA ENTREVISTA EXCLUSIVA COM CINEASTA ERIC JAYCE LANDBERG	26
A PROJEÇÃO DO (EM) TANGO POR PAMELA NASSOUR	31
FISH PRESS RELEASE	34
EVERYTHING I COULD CRÍTICA	37
DESVENDANDO O PASSADO PARA MUDAR O FUTURO UMA ENTREVISTA EXCLUSIVA COM O CINEASTA ROBERTO MANHÃES REIS	40
THE MASK PRESS RELEASE	46
ENCONTRADO NOS PENSAMENTOS MAIS PROFUNDOS UMA ENTREVISTA EXCLUSIVA COM O CINEASTA SALMAN AZIZ	48
REFLECTIONS CRÍTICA	54
UNCONSCIOUS PRESS RELEASE	57
JUNTANDO AS PEÇAS DO QUEBRA-CABEÇA UMA ENTREVISTA EXCLUSIVA COM A CINEASTA BRUNA CABRAL	58
UNCONSCIOUS crítica	66
GILDAS Uma perspectiva sobre a carreira da musa do cinema independente brasileiro, Gilda Nomacce	69

UM MANIFESTO CONTRA O ESQUECIMENTO

CRÍTICA DE MARCELO CÉSAR

GILDA BRASILEIRO

DE ROBERTO MANHÃES REIS E VIOLA SCHEUERER

CRÍTICA DE MARCELO CÉSAR



Cena de "Gilda Brasileiro"

GILDA BRASILEIRO – Um manifesto contra o esquecimento

Participando de uma mostra de cinema documentário chamada *"Inocência Perdida"*, há alguns anos, o curador e cineasta Lucas Donnard escreveu: "A potência das imagens está afirmada na transgressão de seu lugar de origem, uma vez que visitadas e reveladas, seja à luz da consciência ou à luz do projetor, ressignificam todo o mundo à sua volta, inclusive de quem as cria."

E pensando nesta frase que início os meus comentários sobre o incrível longa documental *"Gilda Brasileiro – Contra o Esquecimento"* dos diretores e roteiristas Roberto Manhães Reis e Viola Scheuerer.

Com o olhar carregado de emoção e sentimentos *Gilda*, a nossa protagonista, começa a relatar a sua saga. Ela fala de documentos que foram esquecidos pela história, ela fala de acontecimentos que ninguém quer lembrar ou relatar...é onde eu reverbero as palavras do meu amigo Donnard, que as imagens têm o papel de transgredir o seu lugar de origem...é revelar...é ressignificar tudo que nos será mostrado nos próximos 90 minutos.

A voz de Roberto Manhães Reis, que também faz a belíssima fotografia, preenche os nossos sentimentos com uma poesia que contrasta com uma construção de pedras. É o Cais do Valongo, marco histórico da cidade do Rio de Janeiro. Um local emblemático, antigo cais localizado na zona portuária e que recebeu em 2017 o título de Patrimônio Histórico da Humanidade pela UNESCO. É o único vestígio da chegada dos africanos escravizados nas Américas. O cais recebeu, nos anos de 1811 até 1831, entre 500 mil e um milhão de escravos. Mudou de nome para Cais da Imperatriz, devido o desembarque da princesa Teresa Cristina que viria a se casar com D. Pedro II.

Em seguida nos é apresentada uma fotografia de escravos, registro feito pelo fotógrafo Marc Ferrez – brasileiro de origem francesa, que atuou nos anos de 1860 e 1922. Uma narração romanceada na voz pausada de Roberto nos faz ficar hipnotizados pela análise cruel e ao mesmo tempo sensível de cada rosto e de cada corpo registrado naquela foto. Neste momento percebemos a força e a

importância de um documentário para a nossa percepção de uma história, que na maioria das vezes, é apagada pela vergonha e medo de quem foi protagonista e o pior, pelos seus descendentes. O grande problema destas pesquisas é que os registros foram apagados e que as pessoas que têm o conhecimento não querem falar sobre o acontecido.

"Se existem imagens demais, é no momento de inseri-las em um texto, em uma reflexão, que elas passam efetivamente a existir. É no momento em que perturbam o lugar de onde vêm e o lugar de quem as criou que elas afirmam suas potências – ser, não ser, ser outra coisa." Este texto é de Cezar Migliorin e está na sua publicação com o título de "Sob o risco das imagens: a cena na cena."

É este o papel que o trabalho de Manhães Reis e Scheuerer nos faz pensar. É tirar esta foto de um arquivo e trazê-la à luz de hoje. Estudar a história é refletir o presente para mudarmos o futuro. Pessoas sem nome, sem passado, sem futuro, como diz o nosso narrador, mas que têm a força de mexer com o nosso sentimento e nos deslocar em direção ao resgate destes que sofreram com a apagamento das suas histórias.

Gilda, como uma bandeirante moderna, desbrava uma estrada antiga, por onde os escravos eram contrabandeados em uma época que já era proibido o tráfico transatlântico de escravos. Por ali passaram vários deles, sem registro, sem pagamento de impostos, e com o conhecimento e a convivência das autoridades locais. Esta estrada tem o nome de Dória, devido um padre, de mesmo nome, que construiu esta estrada. *Gilda* faz todo um apanhado e uma construção do que ela chama de *"Rota Dória"*, que envolve desde a chegada dos escravos pelos navios até a venda final dos mesmos. *Gilda* se emociona e emociona a todos com esta pesquisa que contradiz a todos da região que fala que não houveram escravos.

Roberto interrompe as entrevistas para fazer uma análise poética das fotos em P&B. Ele nos leva a reflexões profundas sobre cada corpo exposto naquelas paisagens dos cafezais. O seu tom é de uma melancolia pungente. A música de Thomas Rohrer, Bella e Fabio Nino Müller preenchem nossos corações de sensibilidade e reflexão em cada frase do narrador. Um verdadeiro deleite aos nossos olhos, o casamento perfeito de poesia, história, arte, cinema e história.

Sobre os diretores: Viola Scheuerer nasceu na Suíça e formou-se em Antropologia, Letras (Alemão) e História na Universidade de Basel. Trabalhou como assistente de direção, montadora e fotógrafa de cinema e TV. Seus filmes anteriores ao *"Gilda"* são: *"Saravá"*, *"Nipo Brasil"* e *"Louisa Jules"*. Roberto Manhães Reis nasceu em São Paulo e formou-se em cinema na Universidade de Konrad Wolf na Alemanha e os seus filmes são: *"Keine Ursache"*, *"Santo Onofre"*, *"Nipo Brasil"* e *"Louisa Jules"*.

Marcelo Cesar April/21/2022

DESVENDANDO O PASSADO PARA MUDAR O FUTURO

UMA ENTREVISTA EXCLUSIVA COM O CINEASTA ROBERTO MANHÃES REIS
POR VIC KINGS E MARCELO CESAR



DESVENDANDO O PASSADO PARA MUDAR O
FUTURO

DES V E N D A N D O O P A S S A D O P A R A M U D A R O F U T U R O

DESVENDANDO O PASSADO PARA MUDAR O FUTURO

Uma entrevista exclusiva com o cineasta ROBERTO MANHÃES REIS
Por Vic Kings e Marcelo Cesar

Roberto Manhães Reis é um cineasta brasileiro formado em direção pela Konrad Wolf Film University na Alemanha. Nascida na Suíça, Viola Scheuerer é formada em antropologia, literatura alemã e história pela University of Basel. Juntos, dirigiram os documentários *Nipo Brasil* (2005) e *Louisa Jules* (2013), este último feito para a televisão. "*Gilda Brasileiro - Contra o Esquecimento*" é o segundo longa-metragem documental da dupla para cinema.

A base acadêmica é algo fundamental para inúmeros grandes cineastas, no caso de vocês esta formação em Cinema teve seu alicerce na Escola Europeia. Sendo uma nascida na Suíça e o outro no Brasil, como surgiu o interesse em voltar o olhar para um passado brasileiro no qual os próprios envolvidos na história não querem contá-la?

A Viola é suíça e tem uma relação de mais de 25 anos com o Brasil. Ela estudou história e sociedades na África ocidental. De certa forma o tema já estava no seu campo de interesse. No meu caso foi realmente uma questão de identidade. Meus ascendentes por parte de mãe chegaram ao Brasil como escravizados. Na família não sabemos praticamente nada sobre como nossos antepassados sobreviveram a essa época. Eu sempre me interessei por esse passado e ao encontrar Gilda fui contagiado pela história do tráfico transatlântico de escravizados em sua fase ilegal. Meus olhos se abriram para perceber como continuamos hoje cercados de pôr este passado, e que ainda existe muita informação por aí a ser revelada. Em relação à minha formação na Europa, o fato de ter estudado em Babelsberg, Alemanha, não mudou este interesse, mas teve sem dúvida forte influência na forma de eu fazer cinema documental e trabalhar a memória.



O co-diretor Roberto Manhães Reis

Gilda Brasileiro é uma pessoa de muita força e determinação, uma personagem interessantíssima que nos leva a desbravar este passado sombrio ao seu lado. Em seu filme de 2011, "*Rôta Dória*", ela já trazia a força desta história ao público, mas por meio do longa-metragem "*Gilda Brasileiro - Contra o Esquecimento*", o aprofundamento sobre esta narrativa trouxe ainda mais potência e atenção a estes fatos históricos. Como aconteceu a abordagem para que surgisse este incrível documentário?

Conhecemos a Gilda quando estávamos fazendo um documentário sobre o *Projeto Revelando os Brasis*. Neste projeto, moradores de cidades de até 20 Mil habitantes podem participar de um concurso para realizar um curta-metragem. A Gilda foi uma das contempladas. E foi nesse contexto que a convidamos para participar do documentário. Ela não era a única personagem, estávamos filmando também outros participantes do concurso. Porém, quando chegou a hora de editar, percebemos que a Gilda e a história da Rota Dória não se encaixavam na montagem. Enquanto outros participantes "queriam" contar uma história, a Gilda "precisava" contar a história que descobriu em sua cidade.

Gilda tem uma ligação muito forte com a Rota Dória. A história daqueles africanos, que desciam dos barcos tumbeiros no litoral norte de São Paulo para subir a Mata Atlântica em direção a Salesópolis, essa descoberta mudou a sua vida. Gilda carrega essa história na pele e essa urgência tem uma força enorme dentro do documentário. Se houve um aprofundamento entre o curta *"Rota Dória"* (dirigido por Gilda) e o longa-metragem *"Gilda Brasileiro"*, isso acontece por que a Gilda é protagonista no nosso filme. Ela está na frente da câmera e encarna a história da rota clandestina. Ela é a Rota Dória.



A co-diretora Viola Scheuerer

Ao decorrer da narrativa, percebemos o quão o assunto é tabu, a ponto de soar quase que proibido entre diversos dos personagens relatados, principalmente por revelar questões amargas de seus antepassados em relação à escravidão. Durante as filmagens, quais foram as maiores dificuldades encontradas na abordagem do assunto com os envolvidos?

Em Salesópolis, existem muitas famílias tradicionais, cujos ancestrais participaram de alguma forma do tráfico transatlântico de escravizados. Essas famílias foram criando uma narrativa sobre seu passado, que foi sendo passada e reinterpretada de geração para geração. Confrontar essas famílias com outra versão de sua história foi com certeza a maior dificuldade. Ninguém quer ser associado à escravidão. Pior ainda quando seus antepassados são colocados do lado dos atravessadores e traficantes de escravizados. Porém, ao mesmo tempo, muitos deles conhecem os fatos, mas aprenderam desde lá atrás, que não se fala sobre isso. A partir da lei Feijó em 1831, qualquer desembarque de africanos no território brasileiro era proibido. Essa Lei tinha consequências tanto para compradores como vendedores, então já naquela época não se falava sobre o assunto. Durante as filmagens, muitas pessoas se negaram a conversar com a gente. Uma pena, pois não estávamos ali para julgar o passado de ninguém. Queríamos conhecer as narrativas sobre a escravidão, numa região onde ela foi intensa até 1888, quando foi oficialmente abolida. Mas claro que essas relações não mudaram de um dia para o outro.

Um dos destaques do documentário é o envolvimento emocional de Gilda com o assunto, dando aos espectadores momentos de grande sensibilidade e determinação. Durante a produção e pós-produção do longa-metragem, como vocês conseguiram trazer sentimentos tão intensos para a tela, evitando armadilhas e clichês que apelam ao melodrama?

Nossa forma de fazer filme documentário está muito ligada a um compromisso com o valor documental do que estamos realizando. A gente procura dar espaço para as pessoas se expressarem, procuramos manter uma transparência no tratamento com os personagens e na forma como montamos o filme. Um dos efeitos colaterais deste jeito de trabalhar é que não fica muito espaço para clichê e melodrama. Eu gostaria que no futuro, quando alguém olhar o nosso trabalho, ele encontre em nossos filmes um documento, onde possa reinterpretar e reutilizar. Um documentário muito construído e cheio de efeitos também vai ser documento no futuro, porém vai ser um documento sobre o imaginário de quem fazia documentário hoje, séc. XXI. Gostaria que nossos filmes preservassem ao máximo as diferentes camadas de verdades que existem em uma imagem.

Eduardo Coutinho é sem dúvidas um dos maiores mestres documentaristas da história do Cinema Mundial, influenciando cineastas nacionais e internacionais a criarem narrativas instigantes e um profundo envolvimento entre a obra e o espectador. No caso de vocês, houve uma influência por parte deste grande cineasta brasileiro? Quais outras influências vocês podem apontar como formadores de seu estilo cinematográfico e narrativo?

Por meio do Coutinho entendemos a força do "encontro". Este momento onde você liga a câmera e entrevistador e entrevistado entram em sintonia, se encontram. Isso é importante. O documentarista alemão Volker Koepp também trabalha neste sentido. Mas tenho várias influências. Aprendi a amar o gênero documentário vendo os filmes de Johan van der Keuken, Cris Marker, Heddy Honigmann e outros. O Claude Lanzmann teve um influência nesta questão de como trabalhar com memória.



cena do filme "Gilda Brasileiro - Contra o Esquecimento"



cena do filme "Gilda Brasileiro - Contra o Esquecimento"

"Gilda Brasileiro – Contra o Esquecimento" teve uma bela carreira em festivais no Brasil e no mundo. Como foi a repercussão do filme entre o público e a crítica especializada?

Muito diversa. O filme estreou num momento turbulento, pouco antes das eleições presidenciais. A máscara da sociedade brasileira estava caindo e as pessoas estavam se deparando com uma sociedade de fato racista, machista e homofóbica. Ver as imagens dos escravizados no Vale do Paraíba projetadas nas telas gigantes de cinema, ver a negação deste passado escravagista hoje, isso foi para muita gente um soco no estômago. Depois da estreia em São Paulo, apresentamos o filme no Museu Nacional de História e Cultura Afro-americana, em Washington. Esse é o maior Museu sobre a história da diáspora africana no mundo, foi inaugurado em 2016, fica a 400m da Casa Branca e até hoje não tem registro na Wikipédia em português (!). Bom, mostramos "*Gilda Brasileiro*" neste Museu, e as pessoas ficaram muito comovidas, afinal também é a história delas. O que elas não sabiam é que, também no tráfico transatlântico, o Império Brasileiro era protagonista. Só entre 1822 e 1851 desembarcaram o dobro de africanos no Brasil do que em toda a história dos Estados Unidos. O filme foi apresentado em vários países. A apresentação em Angola foi para mim muito especial. A sala de projeção ficava ao lado da Rua dos Mercadores, lugar onde os escravos eram vendidos em Luanda. Os escravizados no Vale do Paraíba eram raptados em grande maioria na região que hoje forma o território de Angola. Os angolanos olhavam as imagens históricas e reconheciam de qual cultura ou região aquelas pessoas poderiam ser. Apesar de Luanda ter sido fundada para abastecer o tráfico, o tema não está sendo trabalhado na sociedade angolana.

Após a produção e finalização do longa-metragem, Gilda continuou a investigar e aprofundar suas pesquisas sobre este assunto tão obscuro e ao mesmo tempo tão necessário de ser discutido?

O filme trouxe muitos impulsos na vida de Gilda, ela se conectou com professores de universidades e seguiu sua pesquisa. Ela está apresentando o documentário em escolas públicas e está escrevendo um livro sobre a Rota Dória. Viola e eu continuamos a procurar. Realizamos um curso sobre uso de fotografias históricas no filme documentário em Luanda, e tivemos a possibilidade de ouvir algumas interpretações em Angola sobre as fotos de escravização no Brasil. Eu viajei para Cabinda e Benguela e visitei os lugares históricos onde o tráfico de escravizados acontecia. Tem muitas coisas para se contar ainda.

A falta de registros formalmente documentados impossibilita a responsabilização dos atuais donos das propriedades pelo sanguinário regime escravista da época. Durante e após a filmagem, houve relatos de receio por parte dos entrevistados de que descendentes de pessoas escravizadas requeressem algum direito?

Não, por enquanto não aconteceu nada e eu espero que ninguém tenha essa ideia. Não é o caso de eu ou você responsabilizarmos uma pessoa pelo o que seus antepassados fizeram no século XIX. Esse debate tem que ser feito com a sociedade brasileira e traduzido, no caso de reparação, em novas políticas públicas, como aconteceu, por exemplo, com o sistema de cotas. Para mim deveria ser uma obrigação do Estado criar lugares de memória, para que essa história não seja esquecida ou distorcida. Estamos falando dos fundamentos desta sociedade, de milhares de vidas que foram interrompidas e que são o fundamento do que hoje chamamos de Brasil. Fomos uma sociedade escravagista, e continuamos tendo sequelas deste passado. Temos que mudar isso urgentemente. Acredito que aprender a entender a história do Brasil pela lente do que foi o tráfico transatlântico possa ser uma chave para entender e mudar essa mentalidade.

As obras de Marc Ferrez dão ainda mais robustez aos relatos abordados em seu filme, sendo parte fundamental da narrativa do projeto. Como ocorreu o processo para a utilização destes documentos históricos tão importantes em *"Gilda Brasileiro – Contra o Esquecimento"*?

O arquivo fotográfico de Marc Ferrez pertence hoje ao IMS (Instituto Moreira Salles). Desde o começo, o IMS foi cooperativo em relação ao nosso filme. Eles entenderam que a gente precisava das imagens em alta resolução, pois pretendia vasculhar os últimos grãos de prata da imagem, a procura de olhares e sinais de resistência. A digitalização dos negativos em placa de vidro de 60 x 40 cm foi fundamental para o filme. Essa mudança de tecnologia possibilitou que víssemos detalhes, que nem mesmo o Marc Ferrez viu nessas imagens.

Sabemos da importância histórica e representativa do filme para pesquisadores, estudantes, além do público em geral. Aliado a isto, temos também o evidente talento e expertise de vocês como documentaristas e narradores. Existem novos projetos cinematográficos de vocês, em conjunto e/ou individualmente, planejados para o futuro?

Sim, temos. Pretendemos continuar esse trabalho de memória sobre o tráfico transatlântico. Temos um projeto de exposição interativa, onde planejamos filmar em Angola e nos quilombos cariocas e paulistas. Tenho também um projeto pessoal sobre meu avô, médico negro do interior de São Paulo nos anos 30.



ANÚNCIO ESPECIAL

NOSSO FESTIVAL

BIMIFF



Brazil International
Monthly Independent Film
Festival

Olá, querido cineasta!!

Esperamos que você tenha gostado de nossa primeira edição da BIMIFF Magazine, e mal podemos esperar para receber um feedback seu!!

Se você deseja ter seus projetos apresentados aqui na BIMIFF MAGAZINE, você pode usar o código de desconto abaixo para enviar seu projeto para nossas seções BIMIFF MAGAZINE: Press Release, Crítica de Filme e/ou Entrevista Exclusiva!!

E se você tiver qualquer outra dúvida, sinta-se à vontade para entrar em contato conosco a qualquer momento através de nosso e-mail ou redes sociais.

CÓDIGO ESPECIAL DISPONÍVEL!

Use o código BIMIFF50SPECIAL para inscrever seu(s) projeto(s) em nosso festival de cinema com 50% de desconto! Inscreva seu(s) projeto(s) em filmfreeway.com/BIMIFF

Website: <https://www.bimiff.com/>

Email: contact.bimiff@gmail.com

Instagram: https://www.instagram.com/bimiff_/